

RIO SÃO FRANCISCO: vínculos territoriais, identidades e territorialidades

Angela Fagna Gomes de Souza¹
Suzana Grazielle de Souza²

Resumo

Neste artigo propomos analisar a socioespacialização dos sujeitos que habitam as margens e ilhas do Rio São Francisco em seu médio curso, no estado de Minas Gerais. Definimos nossos aportes teóricos conceituais de pesquisa, tomando a identidade, a territorialidade e os vínculos territoriais delineados por Hall (2005; 2011), Castells (1999, 2002), Almeida (2008; 2008a), Claval (1995, 1999), Saquet (2009, 2010), Haesbaert (1999; 2007), Cruz (2006; 2007; 2011), Diegues (2001, 2008), Moley (2005), Heidrich (2009) e Gimenez (1999), indispensáveis em nossas reflexões. Enquanto metodologia optamos pela pesquisa geográfica qualitativa tendo como suporte autores como Triviños (1987), Godoy (1995; 1995a) e Brandão (2006). Assim, na pesquisa tivemos um duplo olhar, um mais voltado para os marcos históricos de formação do território, compreendendo o Rio São Francisco por meio de suas temporalidades e o outro mais voltado para a compreensão das múltiplas identidades que são construídas a partir da percepção, da vivência e da r-existência em um território de vida e trabalho.

Palavras-chave: Identidades, Territorialidades, Comunidades.

Introdução

Pensar a pesquisa requer um esforço intelectual que se impõe no sentido de encontrar caminhos, buscar ancoragens. Nossa problematização perpassa a definição de marcos históricos, a delimitação de categorias e a opção por instrumentais de pesquisa capazes de responder ao que nos propomos pesquisar, ou seja, a socioespacialização dos sujeitos que habitam as margens e ilhas do Rio São Francisco em seu médio curso, no estado de Minas Gerais.

A partir destes marcos investigativos traçamos alguns questionamentos que serviram de norte para as nossas reflexões, como por exemplo: como caracterizar as populações que vivem nas margens e ilhas do Rio São Francisco em seu médio curso em Minas Gerais? Quais os significados que traduzem as vivências dos moradores das margens e ilhas do médio Rio São Francisco? O Rio São Francisco pode ser entendido enquanto um símbolo, marcado como fonte de identidade e territorialidade?

¹ Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas em exercício provisório na Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: angelafagna@ufu.br

² Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: suzanagrazielle10@gmail.com

Diante destas indagações, definimos nossos aportes teóricos conceituais de pesquisa, tomando a identidade, a territorialidade e os vínculos territoriais delineados por Hall (2005; 2011), Castells (1999, 2002), Almeida (2008; 2008a), Claval (1995, 1999), Saquet (2009, 2010), Haesbaert (1999; 2007), Cruz (2006; 2007; 2011), Diegues (2001, 2008), Moley (2005), Heidrich (2009) e Gimenez (1999), indispensáveis em nossas reflexões. Estes autores pensam estes conceitos como um processo, a partir de um conjunto de relações que envolvem tanto os aspectos materiais quanto simbólicos.

Enquanto metodologia optamos pela pesquisa geográfica qualitativa tendo como suporte autores como Triviños (1987), Godoy (1995; 1995a) e Brandão (2006). Como caminho da pesquisa utilizamos a geoetnografia (SOUZA, 2013), uma proposta que enlaça o olhar geográfico com as percepções etnográficas típica dos antropólogos, etapas de investigação que não são meramente um instrumental metodológico, mas sim, um itinerário que tem como objetivo principal ampliar nossos enfoques e olhares. Consideramos, portanto, a subjetividade da experiência de campo do pesquisador na percepção do objetivo da pesquisa. Brandão (2007, p. 12) afirma que por mais que um pesquisador possa se armar de toda a objetividade para a obtenção de “dados”, “todo o trabalho de produção do conhecimento aí se passa através de uma relação subjetiva. A pessoa que fala, fala para uma outra pessoa”.

Lembramos que apesar de o Rio São Francisco ser citado e pesquisado por várias áreas do conhecimento, ainda existe uma carência de estudos sobre os saberes locais, a identidade e a diversidade cultural sanfranciscana. Ressaltamos a necessidade de aperfeiçoarmos nas pesquisas ligadas a esta temática, principalmente voltada para os estudos das gentes sanfranciscanas, podendo propiciar uma maior visibilidade das populações tradicionais, em especial a população ribeirinha. Sabemos que estas gentes expressam diversidades que conformam aspectos de múltiplas identidades, que precisam ser compreendidas, valorizadas e respeitadas em suas especificidades. Salientamos, portanto, a relevância deste estudo ao propor novas leituras sobre a paisagem do Rio São Francisco, lida a partir da identificação de suas gentes e entendida tanto pelo seu uso e apropriação funcional, como também pela sua valorização simbólica.

A estrutura do artigo esta dividida em momentos, a saber: i) primeiramente analisamos o Rio São Francisco enquanto um território apropriado simbólica e funcionalmente pela população que o cerca e que constrói territórios de vida, um rio morada que se descortina ao

nosso olhar; ii) posteriormente, analisamos o território, as territorialidades e as identidades entendidas como processos indissociáveis, como uma “trama” que pressupõe a criação de vínculos territoriais que, por sua vez, refletem em formas próprias de ser e estar e permanecer no Rio São Francisco; iii) finalmente, tecemos considerações entendendo que as práticas cotidianas, os saberes tradicionais e as formas de expressão criam vínculos territoriais, identidades e territorialidades com/no o Rio São Francisco.

Um rio morada

O mergulho pelas águas do Rio São Francisco nos leva as profundezas de sua própria história. O descobrimento; as primeiras pesquisas; os incontáveis viajantes que atravessaram suas margens de montante a jusante em busca de novos conhecimentos; os desbravadores a procura de diamante, esmeraldas, ouro e prata; as caravanas de barcas e, mais tarde, de vapores que subiram e desceram o rio transportando gente em suas águas e praticando o comércio em suas margens e; o ciclo atual que abarca desde barreiras naturais e patrimônios culturais admiráveis, até os incontáveis empreendimentos desenvolvimentistas com suas nove usinas hidrelétricas, seus inúmeros projetos de irrigação e, mais ainda, o polêmico “Projeto de Integração do Rio São Francisco com as Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional”, popularmente conhecido como “Projeto de Transposição do São Francisco”. Séculos de história e memória que deixam marcas em suas paisagens e suas gentes.

Se observarmos os aspectos físicos do Rio São Francisco percebemos uma multiplicidade geomorfológica, apresentando uma grande depressão em um extenso e profundo vale, com variadas formações rochosas entre terrenos cristalinos e planaltos sedimentares. Em função da sua grande extensão, as condições pluviométricas, a temperatura e a umidade também são bastante diferenciadas ao longo da sua bacia.

Consciente de que o clima é o mais importante fator de especiação e distribuição da vida (...), exibo desde o clima tropical de altitude, na Canastra, com temperaturas amenas e chuvas relativamente regulares na maior parte do ano, passando pelo tropical sub-úmido, com duas estações, uma seca e outra chuvosa em meu alto médio curso, tropical semi-árido no meu médio baixo curso e quente e úmido nas imediações do Atlântico. (CHAGAS, 2014, p. 31).

Estas diferenciações pluviométricas ajudam a entender os inúmeros contrastes existentes ao longo de todo o Rio São Francisco. De sua nascente até sua foz é possível identificar, de um lado, regiões extremamente pobres e dependentes das chuvas como é o caso

da parte norte do estado de Minas Gerais e do sertão da Bahia, e de outro, áreas altamente produtivas e desenvolvidas que se beneficiam com os altos índices de precipitação, como é o caso do alto e do baixo curso do São Francisco.

As chuvas costumam trazer alegria para os que vivem próximos as margens, vazantes e ilhas do rio. Porém, durante as cheias também é tempo de grande preocupação devido às enchentes que devastam casas e plantações. Os relatos dos moradores da Ilha das Pimentas colhidos por Souza (2011, p. 109-110), apontam um sentimento de perda e também de alento por parte dos moradores que sofrem com a subida das águas do Rio São Francisco *“é muito triste você chega aqui e vê tudo cheio d’água, você tem tudo e não tem nada. A gente mora no lugar do rio”*

Os moradores das ilhas e barrancas do rio entendem que a força das enchentes serve para “lavar a terra”. Apesar das perdas, a esperança de uma boa colheita torna-se a maior reconquista. Vivem sempre esta dualidade, entendem e respeitam a força do rio. Afinal, com a cheia chega à devastação, o alagamento e a tristeza, mas também vem à renovação e a fartura. Entre alegrias e tristezas o ribeirinho ajusta seu modo de vida aos ciclos do rio, criando um ciclo da vida social do São Francisco – trabalho, costumes, símbolos. Cultura e natureza se “enfrentam”, se “intercruzam”, se “entremeiam”, cujo resultado é um tipo social específico: o ribeirinho.

Segundo os relatos de Spix e Martius (1981, p. 97-98)³, a enchente chegava devastando tudo que encontrava pela frente, plantas, animais, casas e plantios “a rapidez com que o rio cresce, obriga-os muita vezes a abandonar as casas, durante a noite, e fugir aos Gerais, situados mais alto”. Mas é também o momento de renovação, de esperança “o transbordamento das águas é a bênção que determina a incrível fertilidade da terra”.

Pierson (1972a, p. 50) retrata que em função das barrancas baixas e do extenso terreno plano ao redor, “o rio, quando da cheia, muitas vezes as águas ultrapassam suas barrancas e se estendem de modo a atingir, em alguns lugares até 10 quilômetros de largura”. Este autor lembra ainda que nessas circunstâncias os moradores das barrancas “refugiam-se nas elevações da circunvizinhança e, até que as águas baixem, só podem chegar a suas casas por meio de canoas e outras pequenas embarcações”⁴.

³Ressaltamos que apesar do ano de publicação da obra citada ser 1981, a expedição destes viajantes foi realizada entre os anos de 1817 a 1820.

⁴ Pierson (1972) aponta que as principais enchentes aconteceram nos anos de 1919, 1926, 1949 e 1960. Após as pesquisas desse autor, aconteceram ainda as enchentes de 1979, 1988, 1999 e 2006.

Com estes relatos fica evidente que as pessoas que vivem próximas ao rio criam estratégias e adaptações para lidar com as enchentes e continuarem morando em um espaço que antes de ser “sua propriedade”, é um lugar do rio. Os moradores das ilhas e barrancas possuem uma relação muito próxima com a natureza, sabem respeitar os seus ciclos e utilizam seus recursos de acordo com as regras do rio.

Apesar das grandes perdas e das incertezas, as enchentes deixam por onde passam também a fertilidade. A medida que as águas baixam as margens e ilhas ficam cobertas de sedimentos onde os barranqueiros praticam a agricultura conhecida como “lavoura de lameiro” e a pesca, atividades altamente produtivas que garantem o sustento das famílias que vivem as margens do rio.

Segundo Pierson (1972a, p. 51) “para muitas pessoas que vivem ao longo do rio, então, a enchente do São Francisco é ocasião mais de prazer do que de temor ou apreensão de perda”. As chuvas e as secas são o aporte das gentes do rio e beira rio. Elas não são apenas ciclos da natureza, são também ciclos sociais que se projetam a partir da existência de um modo de vida próprio dos lugares do rio. São relações que se propagam de forma complementar, porém, com estratégias distintas de acordo com cada localidade.

A paisagem do Rio São Francisco oscila entre os empreendimentos agroindustriais baseados em inovadores sistemas de produção com constantes investimentos em pesquisa e tecnologia e os trabalhadores, considerados pequenos e médios produtores que, ainda hoje habitam as margens e ilhas do Rio São Francisco e tem como relação de vida e trabalho o extravismo, a pesca, a agricultura de subsistência e as relações de reciprocidade e sociabilidade, compreendidos a partir de uma lógica de apropriação territorial e afirmação identitária.

Martins (2011, p. 78) aponta um fator importante quanto a territorialização destas terras, afirmando que a mobilidade foi o fator de alargamento das fronteiras, capaz de criar novas territorialidades e implantar um sentimento de liberdade, impulsionando novos deslocamentos. Esta “errância” fez surgir uma população que passou a habitar a região sanfranciscana disseminando sua cultura por todo o vale, criando cantigas, danças, lendas e festas variadas, difundindo o que Costa (2006) e De Paula (2009) denomina de cultura sertaneja.

Essas gentes que, ao longo dos séculos, passaram a habitar as beiras do Rio São Francisco carregam consigo um grande valor histórico e cultural. Criaram, ao longo do tempo,

estratégias próprias de sobrevivência no vale. Culturas, crenças e valores diferenciados que se juntavam formando uma civilização “*sui generes, multicolorida, multifacetada, e mais importante de tudo, multirracial*” (Ivo das Chagas em entrevista concedida em Fev. 2013).

O Rio São Francisco sempre foi a principal via de ligação e comunicação entre esta população cada vez mais crescente e pulsante que passou a viver nos territórios que o margeiam. Foi pela fixação e mobilidade que surgiu uma cultura diversa e semi-independente, capaz de integrar o rio as suas gentes. Para Martins (2011, p. 74) “a política, a economia e as relações com a natureza não ganham um patamar a parte. É, ao contrário disso, uma conjunção de lógicas sociais que produz, ao mesmo tempo, um espaço de alteridade para sujeitos desiguais”.

É nesta multiplicidade de lugares, formas, cores, gestos e saberes que se propaga manifestações singulares da cultura sanfranciscana. Modos de vida, memórias e tradições de uma cultura ribeirinha capaz de interligar tempos desiguais e descortinar paisagens travestidas de símbolos e significados. Concordamos com Cosgrove (1998) ao afirmar que a paisagem cultural vislumbra símbolos e significados envolvendo o “povo criador” dessa paisagem. Para este autor não existe paisagem cultural longe de seu povo, longe da identidade e da memória da sociedade que a vivencia. Por este motivo, a paisagem do Rio São Francisco possui uma geografia particular entre o vivido, o vivo, o pensado, o imaginário e o simbólico, entre o espaço natural e o lugar sociocultural.

Geoantropologicamente o Rio São Francisco é tido hoje como um sistema multifacetado que não se limita apenas ao “dentro do rio”, mas ao território geográfico, ecológico, social e cultural do “mundo do rio”. Portanto, ele é formado por um complexo que envolve sistemas, ora mais próximos ora mais distantes, que de alguma forma estão conectados as gentes e ao ritmo do rio.

A paisagem sanfranciscana é aqui entendida a partir dos seus sentidos simbólicos e culturais. “As paisagens tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas estão cheias de significado. Grande parte da Geografia mais interessante está em decodificá-las”, (COSGROVE, 1998, p. 121).

Neste sentido, a paisagem do Rio São Francisco revela nuances e cenários ímpares carregados de símbolos e significados expressos nos rostos, olhares e falas de seu povo. São pessoas que guardam e defendem suas águas com toda intensidade, lutando e adaptando as

alterações sofridas por um rio que é diverso, capaz de abarcar tanto as singularidades quanto as diversidades de representações que por ele perpassam.

Vínculos territoriais, identidades e territorialidades

Um rio. Uma vida, um modo de vida. As pessoas com as quais conversamos e entrevistamos vivem no/do rio. Entendem e utilizam o Rio São Francisco como um território de apropriação material e simbólica. Um rio utilizado para o trabalho e percebido enquanto a reprodução da vida.

Almeida (2008, p. 48), citando Claval (1995) nos lembra que “é pela cultura que as populações interagem com a natureza, fazem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular, além de se enraizarem no território. Há, assim, uma herança cultural que permeia a relação com o território”.

Agora, mais do que em outros tempos, os territórios do rio representam uma dupla riqueza, tanto para aqueles que sempre viveram e partilharam com o rio o seu sustento, como para aqueles que chegaram recentemente em busca de novas formas de exploração e apropriação da natureza - recurso.

O São Francisco é muito mais do que um acidente geográfico, ele é entendido enquanto uma representação, um rio tomado como símbolo, que harmoniza a vida de sua gente, que torna-se uma referência material e imaterial e que reflete múltiplas identidades.

Para Cruz (2006) as identidades são construídas de forma relacional e contrastivas, podendo ainda em alguns casos ser conflitiva. É neste envoltório que percebemos as identidades ligadas de um lado pelas tradições, ou seja, a imagem daquilo que se formou com o tempo e de outro pelas traduções, ou seja, a imagem daquilo que se quer transmitir. Cruz (2006) ao pesquisar as comunidades ribeirinhas no Amazonas compreende o espaço do rio como sendo uma referência identitária, um elo que singulariza a cultura de um povo.

A construção das identidades vale-se da “matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais” (CASTELLS, 2002, p. 22). A identidade refere-se a um território de pertencimento. Pertencimento que cria afetos, laços com o espaço apropriado. A identidade é, portanto, uma construção cultural e também territorial.

Claval (1999, p. 16) afirma que “os problemas do território e a questão da identidade estão indissociavelmente ligados”, sobretudo, porque isso pressupõe “a construção das representações que fazem certas porções do espaço humanizado”.

Almeida (2008, p. 59) acrescenta que “é inevitável a conclusão de que muitos laços de identidade se manifestam na convivência com o lugar, com o território”. Portanto, a afirmação identitária ressalta os vínculos territoriais e culturais com o lugar, expressos na forma como os sujeitos se identificam perante os “seus” e os “outros”.

Neste sentido, Diegues e Arruda (2001), evidenciam ser a partir da afirmação da identidade que um determinado grupo ou comunidade passa a reivindicar o domínio sobre determinado território. Esta afirmação enlaça os sentimentos de pertencimento, bem como as relações simbólicas-culturais, definidas por Almeida (2008, p. 59) como sendo a territorialidade, que “considera tanto as questões de ordem simbólico-cultural como também o sentimento de pertencimento a um dado território”. Esta afirmação faz com que as suas singularidades e diferenças sejam postas em evidência, propiciando aos seus membros territorialidades próprias.

Para Castells (1999, p. 22), tais singularidades podem ser percebidas pelos laços identitários, “fonte de significados e experiências de um povo”. A identidade é entendida por esse autor como sendo “o processo de construção de significados com base em um atributo cultural”. Neste caso, as instituições dominantes, a resistência e a reconstrução de identidades compõem o que o autor classifica como sendo as três formas e origens de construção de identidades. São elas: legitimadora, de resistência e de projeto.

A identidade é um elemento catalisador que seleciona um “número de elementos que caracteriza ao mesmo tempo, o indivíduo e o grupo: artefatos, costumes, gêneros de vida, meio, mas também sistemas de relações institucionalizadas, concepções da natureza, do indivíduo e do grupo” (CLAVAL, 1999, p.15). A rigor, o processo identitário é também o processo de construção do território. Um e outro ocorrem pelas mesmas coordenadas, aprendem e apropriam o espaço e seus elementos, os dotam de significação, simbólica e funcionalmente. A identidade cria as representações do território, o território as converte em práticas cotidianas.

De acordo com Brandão (1986, p. 34) “as identidades são as representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro”. Isso ocorre quando selecionamos uma gama de elementos para a identificação: concepções de natureza, de trabalho, costumes,

modos de vida e formas de produção. Ao qualificar tais elementos constituintes se atribui valores a eles. Valores estes que podem ser de natureza afetiva e/ou simbólica. Estes elementos apropriados em conjunto é à base das representações identitárias. É por meio delas que as tramas de uma territorialidade são criadas.

Disso desprende-se que as identidades são forjadas junto às práticas de identificação, sendo que esta é um “processo de articulação, uma saturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção” (HALL, 2005, p. 106). Nesse sentido, os processos de identificação ficam submetidos a um “jogo” de diferença, a uma fronteira simbólica. Para isto, há a inclusão de certos elementos como o rio, a ilha, o pescador e o remeiro, por exemplo, e a exclusão de outros como o turista e o pescador de veraneio. Isto é, no processo de identificação há sempre “o nós” e os “outros.” Deste conflito eminente, forjam-se as identidades no jogo das diferenças e semelhanças.

As identidades são sujeitas a história, com isto, esclarecemos que elas não formam um núcleo estável. Ao contrário, há um campo de mobilidade, de novas identificações demarcando o “nós”, o “eles” e os “outros”. De certo, o “eu coletivo” é sempre reconstruído diante de um processo maior envolvendo a sociedade como um todo.

A identidade é, por esse caminho de interpretação, um processo, sempre dialógico com a história, com a cultura, com o território. A identidade surge do sentimento de partilha: das mesmas tramas socioculturais e de um mesmo espaço-tempo. A partilha ou não de uma mesma trama espaço-temporal, da uma mesma gramática social, é que produz o jogo de identificação e da diferença. Claval (1999, p. 11), ao citar Jean Pierre Raison coloca que “os grupos só existem pelos territórios com as quais se identificam”. Neste caso, o elemento de sedimentação e da diferença identitária é o território.

A identidade cultural tem sido um dos aportes que garantem a perpetuação de grupos e comunidades tradicionais, proporcionando relações sociais capazes de estreitar os laços de solidariedade, sociabilidade e pertencimento entre os seus membros. As comunidades e ilhas pesquisadas ao longo do médio Rio São Francisco possuem características próprias de um viver próximo ao território do rio, sejam eles reais ou imaginários. A maioria das pessoas que entrevistamos, delimitam seus espaços em favor de suas necessidades reais de plantio, de moradia e até mesmo de lazer. Além disso, as formas simbólicas e afetivas estão presentes em toda a estrutura do viver.

Para tanto, é no território e a partir do território do rio que as relações materiais, sociais e simbólicas se propagam, sendo que a identidade, a cultura e os vínculos territoriais estão intimamente relacionados, perpassando todas as relações de poder existentes. Assim como coloca Haesbaert (2007, p. 35), “devemos começar por destrinchar o elo, a nosso ver indissociável, entre território e cultura ou, mais especificamente, entre território e identidade”.

Para Almeida (2008, p. 58), o território é “objeto de operações simbólicas e é nele que os sujeitos projetam suas concepções de mundo”. A autora afirma ainda que “o território é, antes de tudo, uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem à sua terra e, simultaneamente, estabelece sua identidade cultural”. Esta relação de dependência destas pessoas com o território e o rio criam laços identitários que mantêm viva as heranças culturais, os vínculos com o lugar de vida e trabalho.

Segundo Costa (2005, p. 308) a socioespacialização dos sujeitos se projeta a partir de “comunidades que mantêm aspectos significativos de sua cultura, de sua reprodução social, enraizados na diversidade ecossistêmica presente nas planícies sanfranciscanas”.

São populações que afirmam sua identidade e que criam formas próprias de permanecerem em seu território de origem e/ou que reivindicam o seu reconhecimento e suas necessidades de uso. Tratamos neste caso tanto das afirmações étnicas como é o caso dos indígenas e dos quilombolas, até os discursos de cunho mais político e ideológico como é o caso, por exemplo, dos vazanteiros e do movimento do MST.

Neste cenário múltiplo identificamos uma profunda e rotineira relação das pessoas com o rio e a terra firme, fazendo com que a identidade cultural se manifeste no estar no rio e na dependência com a mata ciliar e os recursos naturais que São Francisco oferece. Neste viver de águas, os moradores do rio São Francisco e de suas margens se articulam permanentemente para criar espaços e condições de vida, de reprodução cultural e social.

Almeida (2008, p. 49) coloca que “tem-se clareza de que as identidades imbricam-se, mesclam-se e apresentam dinamicidade, construindo uma diversidade identitária”. No caso do Rio São Francisco esta heterogeneidade também se faz presente por meio de suas gentes, sendo, segundo a autora uma “etnoterritorialidade” com dimensões paisagísticas e culturais múltiplas.

Tratamos aqui de formas próprias, de caminhos e itinerários que são traçados de acordo com as necessidades individuais e coletivas das gentes sanfranciscanas. Apesar dos contextos diferenciados em que cada indivíduo se insere, o que podemos afirmar é que cada

um, a sua maneira, expressa seus vínculos territoriais, suas identidades e suas territorialidades enquanto moradores das beiras do Rio São Francisco.

Considerações

No desenrolar deste artigo tivemos um duplo olhar, um mais voltado para a formação do território, compreendendo o Rio São Francisco por meio de suas socioespacialidades e o outro mais voltado para a compreensão das múltiplas identidades que são (re)construídas a partir da percepção e da vivência em um território de vida e trabalho.

Analisamos os vínculos territoriais, as identidades e a territorialidade a partir das “gentes do Rio São Francisco” que sabem conviver com o rio e respeitando os seus limites. O *barraqueiro*, o *ribeirinho*, o *vazanteiro* e o *ilheiro*, vivem do rio e servem ao rio. Sua interdependência acontece de acordo com as regras da natureza. “Pessoas outras” que entendem que o rio é o sustento e o abrigo, a fortaleza e o refúgio, a perda e a reconquista, a dor e a salvação. Criam estratégias para r-existirem (Gonçalves, 2002), reafirmando constantemente seus laços de pertencimento e de enraizamento ao território.

Entendemos que a apropriação simbólica e funcional do Rio São Francisco perpassa relações políticas, econômicas e culturais que dão sentido ao território, que criam marcas, que estabelece territorialidades. Avaliamos, portanto, que o território se molda por e a partir de processos históricos, vínculos identitários e territorialidades que expressam a cultura das gentes sanfranscanas.

Cultura esta que envolve um complexo e dinâmico mosaico de formas próprias de manifestação da identidade local, refletida em seus vínculos territoriais, nos seus saberes, fazeres e expressões simbólicas moldadas a partir da junção das dinâmicas socioambientais envolvendo, em graus diferenciados, a apropriação dos ambientes do rio e dos territórios que o cercam.

São relações de trabalho, laços de solidariedade e reciprocidades, manifestações religiosas, hábitos regionais, formas de fazer, práticas, saberes e fazeres tradicionais e formas de expressão que criam identidades e territorialidades pautadas no sentido de pertencer ao Rio São Francisco e que se materializam em símbolos e significados ligados ao seu lugar de existência, aos seus vínculos territoriais.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine Costa. (Orgs.). **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 47 - 97.

_____. Uma leitura etnogeográfica do Brasil Sertanejo. In: SERPA, Ângelo. (org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008a. p. 312-336.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiás V. 10, N. 1, Jan/Jun. 2007, p. 11-27.

BRANDÃO, Carlos R.; STRECK, Danilo R. (Org.). **Pesquisa participante: a partilha do saber**. São Paulo: Idéias e Letras, 2006. p. 21-54.

CASTELLS, Manuel. Paraisos comunais: Identidade e significado na sociedade em rede. In: _____. **O poder da identidade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. vol. II.

_____. **O poder da identidade**. 3. ed. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Vol. II.

CHAGAS, Ivo das. **Eu sou o São Francisco**. Montes Claros: Unimontes, 2014.

CLAVAL, Paul. **La géographie culturelle**. Paris: Nathan, 1995.

_____. O território na transição da pós-modernidade. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, dez de 1999, p.7-26.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 92-123.

COSTA, João Batista de Almeida. Cerrados norte mineiro: populações tradicionais e suas identidades territoriais. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biodiversidade e singularidade cultural**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. p. 295-319.

_____. Populações tradicionais do sertão norte mineiro e as interfaces socioambientais vividas. **Revista Cerrados**. Montes Claros, v. 4, n. 1, p. 81-108, jan./dez. 2006.

CRUZ, Valter do Carmo. **Pela outra margem da fronteira: território, identidade e lutas sociais na Amazônia**. 2006. 199 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). PósGeo. Universidade Federal Fluminense/UFF. Rio de Janeiro, 2006.

_____. Territorialidades, identidades e lutas sociais na Amazônia. In: ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 93 a 122.

_____. **Lutas sociais, reconfigurações identitárias e estratégias de reapropriação social do território na Amazônia.** 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFF, Niterói, 2011.

DE PAULA, Andreia Maria Narciso Rocha. **TRAVESSIAS...** Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas Gerais. 2009. 350 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal Uberlândia, Uberlândia, 2009.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana; ARRUDA, Rinaldo S. V. (Orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada.** 6 ed. ampliada. São Paulo: Hucitec/NUPAUB/USP, 2008.

GIMENEZ, Gilberto. Território, cultura e identidade: La región sociocultural. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, época II. v. V, n. 9, Colina, 1999, p. 25-57.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.

_____. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun., 1995a.

GONCALVEZ, Carlos Walter Porto. O Latifúndio Genético e a r-existência Indígena-Camponesa. **Geographia**, Niteroi-RJ UFF/PGG. Ano IV, nº 8, 2002.

HAAL, Stuart. Identidade cultural na pos modernidade. Trad. Tomaz Tadeu Silva, Guaracira Lopes Louro. 7 ed. São Paulo: DP&A Editora, 2005.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Thomaz Tadeu da; (org.) HALL, Stuart; WOODWARD, Kantthryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Des-Territorialização e Identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste.** Niterói: EDUFF, 1997.

_____. Identidades territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999. p. 169 a 189.

_____. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira; HAESBAERT, Rogério (org.). **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos.** Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 33 a 56.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Conflitos territoriais e estratégias de preservação da natureza. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPÓSITO, Elizeu (org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos em conflito.** São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 271-291.

MARTINS, Geraldo Inácio. **As tramas da des(re)territorialização camponesa: a reinvenção do território veredeiro no entorno do Parque Nacional Grande Sertão-Veredas,**

Norte de Minas Gerais. 2011. 298 f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, PPG-IG/UFU, Uberlândia, 2011.

MOLEY, David. Pertenencias. Lugar, espacio e identidade em um mundo mediatizado. In: ARFUCH, Leonor. **Pensar este tiempo**: espacios, afectos, pertinencias. Buenos Aires: Paidós, 2005. p. 131-167.

PIERSON, Donald. **Homem no vale do São Francisco**. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: SUVALE, 1972a. Tomo I.

SAQUET, Marcos Aurélio; GAGLIOTTO, Ana Rúbia. Abordagens das dimensões do território. In: ALMEIDA, Maria Geralda; CRUZ, Beatriz Nates (Org.) **Território e cultura**: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia: Cegraf/UFG, 2009, p. 42-54.

SAQUET, Marco Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de. **O tempo das águas**: ciclos de vida entre as margens do rio São Francisco, a Ilha das Pimentas – Pirapora/MG. 2011. 182f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, PPG-IG/UFU, Uberlândia, 2011.

_____. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. In: MARAFON; Glaucio José; [et. al.]. **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 55-68.

SPIX, Johann Baptist; MARTIUS, C. F. P. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Vol.2. 2. Edição. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1981.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Pesquisa qualitativa. In: _____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. p. 116-173.